

INTRODUÇÃO

Em virtude da competência do Senado Federal de legislar privativamente sobre matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e pessoal da administração do Distrito Federal, conforme § 1º, do art. 17, da Constituição Federal, desempenhando funções idênticas às de uma "Câmara Municipal", é que procuramos elaborar esta análise de integração regional destinada a descrever e explicar a situação atual da nossa Capital.

*Evidentemente que esta análise deixará muito a desejar. Afora as limitações do autor em assunto tão importante e complexo, de-
frontamos - nos com dois problemas cruciais: a falta de dados gerais fidedignos e as deficiências do material de recenseamento.*

Todavia, procuramos fazer um levantamento global, tendo em vista que os Senhores Senadores terão a incumbência de ditar as regras normativas gerais e que estas deverão colimar o objetivo de promover o aproveitamento orgânico e racional dos fatores naturais, sociais e econômicos do Distrito Federal.

Com efeito, muitos acharão que carece de sentido este trabalho porque estamos invadindo a "seara" do Executivo, que teria melhores condições

de fazê-lo. Não negamos tal fato; pois, se pensarmos em termos de um Legislativo onde o fator tempo não entra em considerações, onde os atrasos de informação técnica não importam em aprovação por imposição de prazos, pecaríamos por excesso. Mas, se atentarmos para a realidade presente do Congresso Nacional, que terá de legislar sob a imposição de prazos constitucionais, veremos quão necessário se torna o aparelhamento técnico de suas Comissões e Diretorias a fim de melhor e a tempo atender aos Senhores Congressistas.

Dentro dessas perspectivas foi que a Diretoria de Informação Legislativa resolveu organizar um setor ex-

Integração Regional do Distrito Federal

Francisco Sampaio de Carvalho

*Orientador de Pesquisas Legislativas
Diretoria de Informação Legislativa*

clusivo sobre o Distrito Federal, iniciado com esta análise, fichários da legislação específica e assuntos pertinentes à Capital, visando a melhor atender aos Senhores Senadores e, em particular, aos membros da Comissão do Distrito Federal nas atividades que a nova Carta lhes conferiu.

Finalizando, ressaltamos que não nos furtamos de apresentar algumas considerações a respeito dos problemas, e propor medidas que, certamente, os Senhores terão a bondade de examinar como sendo mais uma sugestão.

DADOS DA GEOGRAFIA FÍSICA DO DISTRITO FEDERAL.

1.00 — SITUAÇÃO GEODÉSICA DO DISTRITO FEDERAL

1.01 — Posição relativa e absoluta

— O atual D.F. foi localizado no Estado de Goiás, na região escolhida pelo Dr. Luiz Cruls em 1912, nas proximidades dos Altos dos Pireneus, e da trijunção das principais Bacias hidrográficas brasileiras, isto é, do Amazonas, do Prata e do São Francisco, próximo da cidade de Formosa, cujo ponto referido de trijunção situa nas coordenadas geográficas aproximadas de 47°30' W. Green: de longitude e 15°25' de latitude Sul.

— A extensão territorial do D.F. foi composta de partes desmembradas dos Municípios de Formosa, de Luziânia e de Planaltina (todos do Estado de Goiás) ficando a sede deste último dentro do D.F. hoje Cidade Satélite da VI Região Administrativa do D.F.

— O meridiano Central do "Datum" para as coordenadas métricas da projeção cartesiana da Carta do Distrito Federal baseia-se ao médio central de 48° W. G. conforme a projeção do Sistema U.T.M.

— As paralelas que delimitam o "retângulo" do D.F. são de 15°30' Sul e 16°03' Sul.

— As coordenadas Geográficas de Brasília, para efeito de cálculos geográficos ou geodésicos são:

Brasília = Longitude 47°55'25" WG
Latitude 15°47'03" Sul

1.02 — Limites e faixas fronteiriças

— Os limites do D.F. foram estabelecidos segundo a Lei n.º 2.874 de 19 de

setembro de 1956 que contém no art. 1.º o perímetro do mesmo:

"Art. 1.º — A área que constituirá o futuro Distrito Federal será circunscrita pela seguinte linha:

Começa no ponto de latitude 15°30' Sul e longitude 48°12' W. Greenwich. Dêsse ponto, segue para leste pelo paralelo 15°30' Sul até encontrar o meridiano 47°25' W. Green. Dêsse ponto segue o mesmo meridiano de 47°25' W.G. para o Sul até (encontrar) o talvegue do Córrego Santa Rita, afluente da margem direita do Rio Prêto. Daí pelo talvegue do Córrego Santa Rita, até a confluência deste com o Rio Prêto, logo à jusante da Lagoa Fela. Da confluência do Córrego Santa Rita com o Rio Prêto, segue pelo talvegue deste último, na direção Sul, até cruzar o paralelo 16°03' Sul. Daí, pelo paralelo 16°03' Sul na direção Oeste, até encontrar o talvegue do Rio Descoberto. Daí para o Norte, pelo talvegue do Rio Descoberto até encontrar o meridiano 48°12' W.G. Daí para o Norte até encontrar o paralelo 15°30' Sul, fechando o perímetro."

— Confronta ao Norte com os Municípios de Padre Bernardes, Planaltina e Formosa, no Estado de Goiás; Unai em Minas Gerais a Leste. Ao oeste com os Municípios de Luziânia e de Padre Bernardes.

1.03 — Extensão superficial e forma

— A área superficial do D.F. é de 5.814 Km² (cinco mil e oitocentos e catorze quilômetros quadrados) em forma aproximada de retângulo.

1.04 — Característica da Área

— Ao Norte o território é de vastas quebradas onde afloram o calcário e o xisto com restícios do filito e do quartzo (SIAL).

— A Sudoeste onde abrange a própria Capital Federal, a topografia é levemente ondulada sobre a base do filito e do quartzo em base geológica maciça e uniforme.

— A Leste, sobre a mesma base geológica encontramos um panorama topográfico mais acidentado do que o último.

— Variando as altitudes entre 900 m a 1.349 m acima do nível do mar.

2.00 — ASPECTOS GEOLÓGICOS DO DF

2.01 — Geomorfologia

— Com embasamento rochoso de origem ígnea, xistos e ardósias, do período Pré-Cambriano, quartzito, folhelos e calcários do algonquiano e siluriano, sensivelmente dobrados e cisalhados.

— Capeamento de rochas sedimentares, mesozóico, sob a forma de calcários, arenitos e folhelos, alternados em certas áreas com camadas de rochas vulcânicas efusivas.

— A remoção erosiva de algumas áreas cobertas das sedimentares, arrasando-as continuamente, deixa o embasamento exposto ao intemperismo. E isso explica as altitudes mais baixas e quebradas acentuadas do Planalto Central.

— Os dobramentos rochosos correm geralmente para o Nordeste e o grau de metamorfismo decresce de xistos grosseiros e filitos finamente granulados, com manchas acentuadas de quartzo.

2.02 — Os Solos do D.F.

— **Generalidades:** — Como em tôdas as regiões, os solos do D.F. são heterogêneos. Os solos das Chapadas, ou sejam os mais altos, apresentam uma ple-niplanicie, o que constitui a sua super-

fície de abrasão que é coberta por acumulação de areia da decomposição do quartzo, de seixos, e cascalho e por uma crosta laterítica, de concreções ferruginosas, denominadas canga. Recobrimdo grandes áreas de quartzitos, folhelos e xistos, ela os protege contra a retomada da erosão, resultando assim a forma plana e quase horizontal dos tabuleiros.

— O solo lindeiro ou ribeirinho é consequência natural dos aluviões, resultante do intemperismo natural. O emprêgo do fogo nos campos e cerrados, muito freqüentemente, vem produzir a acidulação dos aluviões e do próprio solo, consequentemente, formado pela potassa (K) provindo das cinzas em combinação com a água das chuvas, e outros óxidos da decomposição laterítica e ferruginosos (Fe).

— A carência do azoto e do calcário é notória, e a necessária "calagem" do solo para o plantio é permanentemente evidente, além dos outros em estudos.

— Outros estudos edafológicos e pedológicos têm sido feitos por muitos. Encontram-se alguns estudos nesse sentido no Ministério das Minas e Energia.

3.00 — HIDROGRAFIA DO D.F.

3.01 — Panorama Geral

— A potamografia do D. F. comporta um vasto estudo e dissertação consequentemente longa. Em traços largos procuraremos analisar êsse aspecto com o que se segue:

3.02 — Bacias Principais

— Seccionando ou delimitando, pelos limites do "Retângulo Federal", as áreas abrangidas pelo mesmo dentro das três principais Bacias Hidrográficas do principal sistema hidrográfico brasileiro, referido anteriormente, vê-se na Carta do D.F. a área ao Norte do Território com a superfície de 769 Km² (setecentos e sessenta e nove quilômetros quadrados) delimitada pelo espigão principal que

segue a direção leste-oeste passando ao Norte da Capital Federal.

-- Outra parte é a da **Bacia do Rio São Francisco** com a superfície de 1.409 Km² (mil e quatrocentos e nove quilômetros quadrados) limitada por outro espigão ou festo das águas, que segue na direção norte-sul, a leste da Capital além do Rio São Bartolomeu.

-- A última e restante parte do D.F. pertence à **Bacia do Prata** com a superfície de 3.636 Km² (três mil, seiscentos e trinta e seis quilômetros quadrados), a sudoeste e abrangendo a própria cidade de Brasília, onde se acha a menor bacia do Rio Paranoá que delimita a zona Metropolitana da Cidade com a área de 1.058 Km², em que forma o lago artificial do Paranoá.

- A dispersão de águas do D.F. lembra-nos, comparativamente, que aflui da Alta Administração do País o Governo da Federação.

3.03 — Quedas-d'água

Encontramos no D.F. apenas a cachoeira do Paranoá que, regulada as águas pela acumulação do Lago da Cidade, pode ser considerada de utilidade econômica e que é aproveitada na iluminação de Brasília com cerca de 20.000 KWA.

-- Integra ou influi preponderantemente no potencial energético do Distrito Federal, a Cachoeira do Queimado, situada no Município de Unai, Estado de Minas Gerais, com a capacidade aproximadamente de 180.000 C.V. cujos estudos já se acham em fase adiantada, distando da Capital Federal cerca de cem quilômetros.

-- A deslumbrante queda do Itiquira situada no Município de Formosa, no Estado de Goiás, com o salto aproximadamente de 150 metros de altura, proporciona um espetáculo magnífico. O pequeno volume d'água do ribeirão desaconselha o aproveitamento hidrelétrico,

reservando-se a cachoeira para um futuro ponto de atração turística, onde já se planeja a instalação de bonde aéreo ligando o alto do Itiquira com o vale do Paraná logo abaixo ou à jusante da citada queda. Fala-se, ainda, do aproveitamento da diferença de nível da grande quebrada ou do contra-forte de arenito da serra do Itiquira, descendo vertiginosamente com cerca de 200 metros para a extensa planície do vale do Rio Paraná.

-- A cachoeira da "Sala Velha" situada junto à Area Alfa do Ministério da Aeronáutica, aproveitada com a instalação da Usina Hidrelétrica do mesmo nome para a iluminação de Brasília nos Idos de 1957 a 1960 com a capacidade de 400 cavalos-fôrça em duas turbinas "Francis", atualmente paralisadas.

3.04 — Lagos e Lagoas

-- O Lago do Paranoá é o único que se pode considerar no aspecto hidrográfico do D.F., pois, cobre cerca de quarenta quilômetros quadrados, com o perímetro de aproximadamente cento e cinco quilômetros de linha d'água. Veio embelezar o panorama da Nova Capital Federal, amenizando-lhe o clima, entre outros valores, ao meio ambiente local.

— As lagoas mais importantes são: a do Mestre D'Armas como nascente principal do Rio São Bartolomeu, recipientário do Rio Paranoá, cuja lagoa está situada junto à Cidade Satélite de Planaltina, dentro do D.F.

- A Lagoa Fela, se bem que situada no Município de Formosa, é a antítese do nome, dada a sua beleza, cercada de frondosas árvores e ornada de plantas aquáticas neúfares e outras; a fauna lacunar é completa, onde os jaçanãs, mergulhões, marrecos e outras aves aparecem.

3.05 — A dispersão de águas no D.F. é muito acentuada, dada a composição dos solos sílicos, e por isso, muito permeável. Logo abaixo do regolito encon-

tramos a região de cascalho que se presta à adução subterrânea das águas que se acumulam em rasas regiões saturadas no embasamento argiloso e rochoso do xisto e do quartzo; os afloramentos flumines ou “olhos d’água” tornam-se abundantes e, nos altos das chapadas onduladas levemente, dão lugar ao rompimento e afloramento do nível hidrostático, formam as “veredas” enfeitadas com a flora típica das “Pindaibas” e dos “Buritizais”, que dão lugar e morada aos Papagaios, Jandáias e Araras com todo o seu magnífico colorido.

— As águas não param em poços estanques devido à grande altitude e os movimentos orográficos de uma região de aspectos geomorfológicos com topografia inclinada e sulcada pelo intemperismo, dadas as grandes precipitações pluviais no D.F.. Estando, assim, permanentemente arejado pelo seu movimento normal, de curtos cursos, e captada quase nas suas nascentes, tem a água todos os requisitos exigidos pelo homem, além dos tratamentos modernos que lhe são dados para o abastecimento da Capital.

4.00 — CLIMA DO DISTRITO FEDERAL

4.01 — Comparativo

— Graças à altitude elevada de Brasília (mais de 1.000 m acima do nível do mar), que compensa o aquecimento latitudinal (15°45' Sul), a região do D.F. é sensivelmente mais fria que a Guanabara. Sua temperatura mínima se apresenta, na média anual, em torno de 14°C, contra 19°C no Rio. No verão, tais valores sobem respectivamente para 17°C e 22°C, caindo no inverno a 9°C, contra 16°C no Rio.

Durante o dia, contudo, a diferença se atenua bastante: a média anual das máximas, 27°C, em Brasília, é quase idêntica à do Rio com 28°C. No verão, na verdade, o Planalto é bem menos quente à tarde (27°) que o Rio (31°),

enquanto no inverno se apresenta quase idêntico o aquecimento (25°C e 26°C, respectivamente).

Quanto à amplitude diurna é como sabemos, maior no interior que no litoral, dado o efeito regulador do oceano, conquanto a higrometricidade do ar, mais intensa no litoral, torne mais incômodo o calor do ambiente litorâneo. Enquanto que o clima sêco de Brasília, arejado pelas brisas típicas e constantes, favorece o meio ambiente ao homem.

Assim, Brasília registra um valor anual de 12°C contra 8°C no Rio. No verão temos 10°C em Brasília e os mesmos 8°C no Rio; no inverno 14° na Nova Capital contra 9°C na Guanabara.

— É interessante notar, contudo, que, na média anual das temperaturas, Brasília leva a vantagem de 21°C contra 22°C no Rio. É pouco mais fria no inverno (18°C contra 20°C no Rio), porém sensivelmente mais fresca no verão (21°C contra 26°C na Guanabara). Os valores extremos ou excepcionais: veremos o termômetro descer a 2°C em Brasília contra 7°C no Rio, nas raras noites frígidas, sob massa polar. E alcançar o máximo de 34°C na Nova Capital, valor ultrapassado no Rio pela temperatura de 41°C que define os dias escaldantes do Rio em certos anos.

A “amplitude absoluta”, dada tal compensação ou oscilação máxima da coluna termométrica, é praticamente a mesma nas duas cidades com 34°C.

Já uma comparação dos “dias quentes” (máxima superior a 25°C.) se torna desfavorável a Brasília, que os apresenta com freqüência, porém mais sêco, (300 dias por ano), que o Rio (270 dias), dada sua posição mais equatorial. Em consequência, inexistem “noites quentes” (mínima maior que 20°C.) na Nova Capital (4°) enquanto no Rio elas totalizam 120 dias por ano.

Dêsse modo, o clima de Brasília possui as características do temperamento

de inverno sêco e verão quente de KOPPEN (CWA), e esta é a face favorável.

A precipitação anual alcança a 1.949,7mm em 1964 e a 1.994,0mm em 1965, conforme dados da Estação Meteorológica de Brasília.

Estando situado o D.F. na faixa tropical, a maior concentração de chuvas é superior à do Rio, isto é, de novembro a março. No inverno, Brasília é praticamente sêca (de maio até agosto) enquanto na Guanabara ocorrem chuvas frontais. Desde setembro recomeçam as precipitações, em outubro já ultrapassam às do Rio, e em dezembro e janeiro são os meses mais chuvosos em Brasília (450 a 463mm respectivamente).

Deduzimos por menção que o clima de Brasília é tropical. A insolação, a secura e a altitude formam a evaporação em Brasília a 1.200mm por ano.

A nebulosidade em Brasília à média anual é 6 (0-10), aumentando no verão (8) e no inverno baixa 3.

A altitude do Planalto mantém o D.F. com umidade superior aos demais Estados circunvizinhos, em média anual (de 52% a 87%).

Os ventos de Brasília sopram na direção E com a velocidade de 2,9m por segundo, normalmente e aumentando com a brisa da tarde até 7m por segundo. Na época chuvosa o vento sopra do Norte (novembro a março) e passa bruscamente a E e SE no período sêco (abril a outubro).

A tensão de vapor em Brasília é de 18 milibares, menor que o litoral que vai de 22 a 27.

Temos cerca de 10 nevoeiros no D.F. por ano, com 25 névoas sêcas.

Os relâmpagos se registram de 43 a 79 por ano e com 69 a 107 trovoadas anuais.

Registram-se saráivas-granizos em número de 1 a 2 por ano.

O orvalho no Planalto é registrado em média de 2 a 41 em três anos, de 1963 a 1965.

Os ventos fortes se registram em diminuição anual de 97 a 75 e a 44 de 1963, 64 e 1965, acima de 6 m.p.s., e diminuindo de 37 e 14 a 10 em 3 anos.

— Fonte: Estação Meteorológica de Brasília.

Finalmente, o clima de Brasília é de intenso calor no verão, refrigerado pela brisa local, as noites são mais agradáveis do que as do litoral, e os dias quentes de Brasília são amenizados pela isenção do vapor d'água no ar (higrometricidade baixa), devendo os habitantes da Nova Capital ingerir maior quantidade de água evitando a desidratação, principalmente observada nas crianças, sempre descuidadas por pais e "babás" que não as hidratam suficientemente, sucedendo os inúmeros casos de pronto-socorro, muito freqüentes no D.F., por desidratação.

5.00 — VEGETAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

5.01 — Generalidades

— A composição da vegetação do D.F. é compreendida por três tipos regionais:

- 1) o cerrado ou campo cerrado;
- 2) o campo limpo;
- 3) a mata tropical.

5.02 — O Cerrado ou Campo Cerrado

— Esta vegetação que predomina na região do D.F. na paisagem geral estendendo-se a todo o Centro-Oeste brasileiro, é uma formação aberta, constituída de arbustos de leve porte variando de 1m a 6m de altura alternadas entre si, com o terreno recoberto de erbáceas às vezes frutíferas rasteiras como o "cajú" cobiçado, a "fruta de Ema", a "Gabirola", a "Pitanguinha", o "Murici" e outras, com uma grande quantidade de flora medicinal utilizada largamente pelo habitante regional, as cha-

madas "raizadas", sobrepujando entre a vegetação geral as gramíneas, entre elas o "Capim Branco", o "Jaraguá", o "Gordurinha" e outros, que servem de alimento importante e permanente para as pastagens regionais, apesar da piro-mania do sertanejo; em geral a gramínea varia a altura de 0,30m a 0,60m.

Os arbustos apresentam troncos e galhos retorcidos de suber espesso, e suas raízes aprofundam além de 15,00 metros em busca do lençol d'água.

Apesar das variações fisionômicas, com árvores por vezes de porte acima de 10m de altura, às vezes adensadas, o cerrado mantém as características que o individualizam diante de outros tipos de formação de árvores, sendo as mais comuns nos cerrados e campo o "barbatimão" (*Stryphno dendron barbatimão*), a "Lobeira" (*Solanum* sp), o "Pequi" (o *Caricar Brasiliensis*), o "Pau Santo" (*Kielmeyra coriácea*) o "Pau Terra" (*Quaalea grandiflora*), a "Lixeira" (*Crotella Americana*), além das outras espécies e gêneros do *Panicum* e *Paspalum* em inúmeras plantas arbustivas e erbáceas.

Como vegetação intermediária entre o tipo do Cerrado e a mata, encontramos o Cerradão que se destaca pelo elevado porte de suas espécies arbóreas, por elas distintas do cerrado e da mata, em que se destacam a "Sucupira", o "Jatobá", a "Aroeira" e o "Angico", como excelentes madeiras de lei muito procuradas.

5.03 — O Campo Limpo

— Caracterizado fundamentalmente por uma cobertura erbácea, o Campo Limpo vem de complementar muito naturalmente o cerrado na região do D.F.

Confunde-se, às vezes, com a chamada "macega" cuja cobertura erbácea é recoberta e sombreada por subarbustos, tipicamente.

— Quando arbustos esparsos aparecem nesse campo típico, denominamos "campo sujo" que muitas vezes se confunde com "cerrado ralo".

O Campo Limpo apresenta-se irregularmente como manchas em meio ou intercalado aos cerrados, de um modo geral. As vezes suas extensões são muito maiores, como, por exemplo, as amplas extensões como as que existem nas grandes chapadas do vasto Espigão Mestre, divisas dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Goiás cuja formação constitui-se de gramíneas entre 30 centímetros até 1 metro de altura, destacando-se como sempre o "capim mimoso miúdo" (*panicum capiláceo*); o "capim flexa", o "barba de bode" (*Aristida* sp), o "capim branco felpudo" (*Andropogon* sp).

A cobertura vegetal varia de conformidade com as condições de relevo associado à qualidade ou tipo de solo e disponibilidade de fluxos d'água.

Comumente o solo do cerrado é ácido e com baixa percentagem de matéria orgânica, terreno seco, de solo pobre e ocupa geralmente as áreas de topografia mais plana e acentuada. Inversamente, o Campo Limpo, por sua vez, é notório nas chapadas, nos divisores de águas algumas vezes nas encostas, onde são comuns os afloramentos da ganga no solo.

5.04 — A Mata Tropical

— A vegetação é característica dos solos formados pelos aluviões umedecidos nas baixadas adredes aos cursos d'água, ou vicinais no D.F.. Aí se vê a Mata Tropical que aparece linceira aos mesmos cursos d'água com manchas isoladas geralmente em meio ao Campo Limpo, às vezes ao cerrado, aos brejais e aos pindaíbaís, como continuidade das grandes veredas.

Os solos base das Matas Tropicais são de boa qualidade visto serem de formação da decomposição das rochas básicas, de argila e arenito, localizados geralmente nas baixadas sedimentárias, e sulcos dos cursos d'água e banhadas por

outros afloramentos d'água resultantes do equilíbrio hidrostático com afloramento raso (vide: itens anteriores — "Aspectos Geológicos do Distrito Federal" (2.00) e subitens, e o disposto no item 3.04 — "A Dispersão de Águas no Distrito Federal.")

O Agrimensor tem classificado dois tipos de matas na Região do Planalto Central Brasileiro que abrange o Distrito Federal como sendo dois tipos de formação como sejam:

- 1) a Mata de 1.ª Classe;
- 2) a Mata de 2.ª Classe ou o chamado "Mato Sêco".

... A Mata de 1.ª Classe é mais densa em virtude dos solos mais ricos em bacias sedimentárias mais largas e mais extensas recípiendárias de maiores aluviões; encontramos ali árvores que variam de 15m até 35m de altura. As Matas de 2.ª Classe situam-se em terrenos oriundos de decomposição de rochas como o arenito, a canga, a argila e óxidos apresentam-se em solos vermelhos com árvores menores e raquiticas pela carência do próprio solo.

Todavia, em geral a Mata Tropical apresenta três a cinco estratos de alturas de árvores variando entre 15 a 35 metros no máximo de altura, e nas matas tropicais encontramos a Aroeira e o Angico que são leguminosas do gênero Piptalênia; — "Peroba"; o "Jatobá"; "Canela"; "Cedro"; e outras madeiras de lei, como o "Cascudo", o "Ipê", a "Garapa" etc.

Fontes: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Estação Meteorológica de Brasília.

Coordenação de Planos e Recursos da Secretaria de Governo da PDF.

Desenvolvimento técnico — Jethro Bello Tôrres.

6.00 — OS FATORES GEOGRÁFICOS COMO CONDICIONANTES DO POVOAMENTO E CAPACIDADE DE PRODUÇÃO

6.01 — Considerações

Brasília é uma cidade essencialmente plana, favorecendo o desenvolvimento da cidade... não existem pontes, tampouco declives acentuados. Poderá se espalhar por esta vasta região do Planalto Central, e, conseqüentemente, nunca terá problema espacial, com que se defrontam grandes metrópoles, tais como São Paulo, Rio de Janeiro etc...

O Lago do Paranoá, em volume d'água maior que a Baía da Guanabara, é um dos fatores altamente benéficos para o condicionamento da temperatura. De clima agradável, um dos mais saudáveis do País, Brasília atrai para si uma gama imensa de povoadores que, fugindo de climas instáveis aqui encontram constância de tempo positivo, um dos principais fatores para o povoamento de qualquer região.

As condições naturais do solo, no que tange ao plantio de cereais, não oferece melhores condições que certas regiões do Sul do Brasil (exemplo, norte do Paraná para o plantio do café e cereais), mas acreditam os geólogos que estudam a terra, que Brasília por meios artificiais poderá oferecer em futuro próximo mercado para uma agricultura altamente produtiva.

Sua produção agrícola é, pois, atualmente, baixa. No referente a indústria, Brasília consolida-se pouco a pouco no setor, com o advento previsto e só executado, parcialmente, de indústrias dos mais diversos produtos que passam a abastecer toda esta região.

Pelas condições planas da região, o povoamento de Brasília é não em edifícios de alto porte, mas sim em Blocos de apartamentos, que não excedem a seis andares. A própria Av. W/3, a principal

de Brasília, apresenta prédios de 3 e 2 andares, em função da não necessidade de aproveitamento de espaço.

Finalizando êste tópico, que consideramos de muita importância, pois, como sabemos, Brasília surgiu como resultante de um jogo de fatores sociais, políticos e econômicos, onde os fatores geográficos entraram apenas em último plano, vão ser êstes fatores geográficos relegados que propiciarão o crescimento integrado desta Cidade e desta região. Eis por que é imperativa a criação de uma tecnologia regional a fim de que não percamos tempo em copiar técnicas que deram resultados ótimos em outros lugares e fracassam redondamente em nossa região.

7.00 — IMPLICAÇÕES DA TROPICOLOGIA NO CONDICIONAMENTO DE NOSSA CIVILIZAÇÃO

O Brasil está situado na Zona Inter-tropical do nosso planeta, possuindo três zonas climáticas dentro de suas fronteiras: a equatorial, tropical e a temperada, o que muito nos favorece.

Decisiva no condicionamento de nossa civilização é a tropicologia. Assim, se o Brasil fôsse um País de zona climática equatorial uniforme, nossa civilização, isto é, "êste conjunto de criações, sobretudo técnicas, de uma comunidade humana, que dota seus meios para reagir ao contexto espacial (ecológico)" seria inquestionavelmente diferente. A civilização dos esquimós, se assim chamarmos, por condições climáticas especiais, é outra diferente da nossa.

Transportando esta realidade para o contexto espacial do Distrito Federal, faixa localizada totalmente nos trópicos, já abordamos no item anterior a necessidade da criação de uma tecnologia que domine o meio geográfico, propiciando, assim, o aparecimento de condições necessárias ao surgimento de uma verdadeira civilização.

8.00 — FATORES PSICO-SOCIAIS

8.01 — Antecedentes Históricos e Sociais: Povoação e Formação Étnica

Desde o século XVII, as penetrações bandeirantes marcaram o início da conquista do centro-oeste brasileiro, somente sendo relevante, em termos de povoamento, o que se deu no século XVIII, a partir da descoberta do ouro na região.

Esta descoberta criou condições para o povoamento e conseqüente exploração, particularmente na região do Planalto Central, em Goiás e Sul de Mato Grosso.

Destacamos 3 períodos sucessivos no povoamento da região:

- a) período de ouro e diamantes (a busca do ouro e das pedras preciosas, em princípio do século XVIII) que originou o estabelecimento de algumas cidades e povoamentos rurais associados;
- b) a expansão do gado, que desfêz os aglomerados populacionais formados em função das minas, assumindo o povoamento formas de dispersão;
- c) o terceiro período teve início relativamente recente, com a abertura das estradas de terra de acesso aos mercados dos centros urbanos em crescimento no litoral.

Êsses períodos, dentro da importância que cada um assumiu em cada um dos momentos da história do povoamento desta área, não desapareceram. Até hoje existe mineração, a expansão das fazendas de gado tomou aspecto permanente na ocupação do Planalto Central. Assim pois, no povoamento da região, dos contingentes populacionais, em flagrante desproporção com a área regional, e subdesenvolvimento sócio-econômico. A ocupação humana foi baseada em imperativos ocasionais e reflete a

descontinuidade dos fatores, que não foram suficientes para criar um estabelecimento regular, tais como dificuldades de comunicação, falta de atração econômica realmente promissora e estável etc. Além disso, reflete-se na região a pobreza demográfica do Brasil, que, salvo as imigrações internas dos nordestinos, não possui ainda correntes humanas excedentes para ocupar os grandes vazios demográficos do território nacional.

A população atual tem recebido, particularmente a partir da construção de Brasília, forte incremento de correntes migratórias, tôdas elas de nacionais, vindas do Nordeste do Brasil, de Minas Gerais, Paraná, São Paulo etc. O povoamento desta área, contudo, não tem sido orientado no sentido de se obter uma colonização com os elementos mais capazes de representar um expressivo progresso cultural ou técnico.

Atualmente, a construção de Brasília representa o marco inicial da nova marcha para a integração dos vastos territórios na comunidade nacional.

Quanto a participação do elemento externo na população do Centro-Oeste, é calculada em 20%. Os nacionais, embora sendo a maioria, recebem menos ajuda do Governo do que os estrangeiros, que por sua vez, dominam completamente a nossa incipiente agricultura.

8.02 — Classes Sociais

No início de Brasília, difícil era notar uma diferenciação entre classes. Provenientes das mais diversas partes do País, um laço de solidariedade arraigou-se nesta comunidade, unindo todos os seus habitantes sob um ideal comum de construir a Capital da República, a Capital da Esperança. Enfrentando todos as mesmas condições precárias de habitação, os elementos ditos de classes altas se confundiam com o simples operário e vice-versa.

Hoje, apesar de não se poder dizer que Brasília possui classes sociais, pela ausência de uma sociedade solidificada, de uma tradição, nas palavras de eminentes sociólogos e estudiosos do problema, nota-se contudo, que caminhamos para a concepção tida nas grandes metrópoles: a diferenciação que em síntese forma as classes sociais.

Classe social é definida como sendo grupos mais ou menos fechados pelo gênero de trabalho, pela propriedade e pela cultura. A rigor é dividida em dois grupos:

- a) divisão da sociedade (baixa, média, alta);
- b) ocupação (médicos, engenheiros etc.)

É o aspecto que começa a se notar com acentuado aceleração, em que os grupos, por exemplo, de parlamentares formam seu "círculo" seu "modus vivendi".

Interessante ressaltar a classe, com ressalvas pela relatividade da questão, dos funcionários públicos, que constitui, poderíamos dizer, a classe média. A classe baixa é constituída pelos operários. A de elite ou alta, pelos parlamentares e outras autoridades mais graduadas que aqui residem.

Com o desaparecimento gradativo da integração antes existente as classes sociais começam a despontar.

É questão doutrinária afirmar sobre a existência ou não de classes sociais em Brasília, todavia, atemo-nos à concepção mais aceita em nosso meio: as nossas classes sociais estão em formação.

9.00 — POPULAÇÃO

9.01 — Aspectos Demográficos

Do ponto de vista demográfico, Brasília cresce satisfatoriamente, atendendo, assim, um dos principais quesitos de

sua fundação: povoamento da região centro-oeste brasileira.

Abaixo traçaremos um quadro demonstrativo da situação populacional desta região, podendo tirar as seguintes conclusões:

Brasília, com uma área de 5.814 Km², correspondente a 0,29% da área regional, possui uma população de 302.000 habitantes, representando 5,8% da população regional e 0,146% da população brasileira.

* Regiões Estaduais	Área 1.000 km ²	População Habitantes	Participação da População do C. O. %
Mato Grosso	1.111,0	1.254,0	23,8
Goiás	609,0	2.565,0	48,8
D. F.	5,814	302,0	5,8
Minas Gerais	145,6	970,0	18,4
Bahia	93,5	170,0	3,2

9.02 — Efetivos (absoluto e relativo)

Infelizmente o Brasil carece de dados estatísticos atualizados, sendo um dos principais fatores que dificultam o planejamento regional. Os dados oficiais mais recentes que possuímos sobre a população brasileira são de 1964, onde Brasília apresentava uma população de 268.315 habitantes. Outro dado de 1967, nos mostra Brasília com 320.000** habitantes aproximadamente, porém, a vacinação em massa da população contra varíola levada a efeito nos primeiros dias de julho veio mostrar que a população de Brasília já ultrapassou a 360.000 habitantes.

Isso é sumamente auspicioso desde que este crescimento se verifica em média superior a de qualquer outro ponto do território nacional.

Há ainda um contraste bastante significativo entre a localização da população, predominando a urbana com 94% e apenas 6% rural, com uma densidade populacional de 63,2 habitantes por Km², o que demonstra ser Brasília o futuro pólo de desenvolvimento brasileiro.

De acôrdo com o Anuário de Brasília de 1967, a população está assim distribuída:

Localidade	Habitantes	%
Plano Pilôto	100.000	31,3
Taguatinga	100.000	31,3
Gama	40.000	12,5
Sobradinho	22.900	7,2
N. Bandeirante .. .	20.000	6,3
Planaltina	5.000	1,5
Paranoá	1.500	0,4
Brazlândia	800	0,2
Velhacap	5.000	1,5
Candangolândia .. .	5.000	1,5
Zona Rural	20.000	6,3
T O T A L	320.000	100,0

9.03 — Índice Estatístico e Crescimento Vegetativo

A população brasileira é constituída de imigrantes de todos os Estados brasileiros, notadamente do Norte e Nordeste. O rápido crescimento demográfico, entretanto, não é motivado apenas pela grande quantidade de imigrantes

* Dados extraídos de um trabalho feito pela CODEPLAN.

** Anuário de Brasília.

nacionais e estrangeiros; deve-se, também, à alta taxa de natalidade e às boas condições de salubridade e higiene que influem na contenção da mortalidade geral.

A taxa de natalidade é considerada atualmente em 4,6%, média superior à nacional que é de 4,3%.

A mortalidade infantil, por sua vez, é bem inferior à média nacional.

Concluimos que Brasília apresenta aspectos positivos para o seu crescimento demográfico: contingentes imigratórios constantes; alta taxa de natalidade e baixa taxa de mortalidade.

Mas em face desses aspectos positivos e por falta de uma política demográfica é que Brasília está crescendo desordenadamente e criando verdadeiros pontos de estrangulamentos para o seu desenvolvimento. Portanto, é mister que se trace uma política que venha resolver os fenômenos de mendicância generalizada e o das "Favelas", como a da "Invasão do IAPI", que já conta com mais de 25 mil habitantes vivendo em grande promiscuidade.

9.04 — Mão-de-Obra e Distribuição por Atividade Econômica

A mão-de-obra no D.F. é bastante diversificada, apesar de não apresentar uma boa especialização.

Muito embora o poder público ainda não tenha tornado efetiva a ajuda às classes da iniciativa privada, já há uma concentração muito grande de comerciantes que atualmente empregam mais de 40 mil comerciários (segundo dados fornecidos pelo DNPS, em 1965 havia em Brasília 35.258); na Indústria, embora tímida, contamos com mais de 50 mil industriários; no setor creditício, Brasília é bem servida, tendo atualmente 52 agências bancárias, sendo 3 matrizes, com 2.226 bancários, sobressaindo entre estas a do Banco Regional de Brasília S/A, recentemente criado pela P.D.F.

e que constituirá um importante veículo de desenvolvimento; os transportes, onde temos 1.050 táxis, uma frota regular de ônibus e carros de aluguel para cargas leves e pesadas, absorvem 4.278 profissionais; o setor rural, onde se encontra o menor número, conta com 2.352 trabalhadores.

Na área do serviço público, que representa a principal atividade humana regional, encontramos em pleno funcionamento o Poder Legislativo, abrigando exatamente 2.172 funcionários, e o Poder Judiciário, com 3 mil funcionários aproximadamente. No atual Governo o Poder Executivo está realmente tomando medidas efetivas para transferir todos os seus órgãos para a Capital Federal, o que promete fazer num prazo máximo de dois anos. Já se encontram em Brasília 17.500 funcionários deste Poder, conforme dados fornecidos pelo DASP; no âmbito municipal, encontramos 18 mil funcionários.

Concluimos, ressaltamos que a capacidade de trabalho da mão-de-obra existente é satisfatória para o atual estágio de desenvolvimento, mas que deixa muito a desejar para o modelo de desenvolvimento que o Governo deseja estabelecer. Caso o Governo não faça investimento neste setor teremos como resultado a paragem ou mesmo o impedimento do crescimento econômico, pois a sua grande maioria é despreparada e apresenta uma baixa produtividade.

9.05 — Estado Sanitário Geral

O setor sanitário de Brasília idealizado nos moldes mais modernos não atingiu em sua plenitude todas as cidades satélites.

O setor de Brasília melhor atendido atualmente é o Plano-Piloto, muito embora as cidades satélites já comecem a receber estes benefícios com a criação de unidades sanitárias e trabalhos afins.

Temos em funcionamento no Distrito Federal 10 unidades hospitalares com

840 leitos com modernos equipamentos e capacitados profissionais.

Dentre estas, cabe-nos ressaltar o Hospital Distrital de Brasília, sendo o maior de Brasília e o mais bem equipado do País; o Hospital da Av. L/2, recentemente inaugurado e o moderno hospital do Gama que conta com deficiência de pessoal técnico e é servido apenas por três médicos.

Afora um posto de saúde em cada cidade satélite, Brasília conta com um "Centro de Recuperação" e um Hospital para tratamento de tuberculosos. Cabe-nos ressaltar também que se acha em fase de acabamento o Hospital do IPASE da Asa Norte e o Hospital do EMFA, no setor gráfico, que será maior que o Hospital Distrital de Brasília.

No tocante ao abastecimento de água, temos no Plano-Piloto um sistema perfeito e o mais moderno do País; nas cidades satélites o abastecimento é precário mas já está em fase final o estudo que permitirá atendê-las nos mesmos moldes do Plano-Piloto.

A estação de tratamento d'água do Plano-Piloto tem capacidade de 700 litros por segundo. Ela compõe-se de 3 reservatórios: o n.º 1 com 300 o n.º 2 com 300 e o n.º 3 com 100 litros. Temos um total de 781.959 metros de rede de água potável construída.

Quanto ao esgoto, o Plano-Piloto também é privilegiado, com uma Estação de Tratamento na Asa Sul com a capacidade para 150.000 habitantes e uma na Asa Norte em fase de conclusão com capacidade para 75.000 habitantes. Nas cidades satélites temos apenas planos, exceto Sobradinho que está concluindo a sua Estação com a capacidade para 45 mil habitantes.

9.06 — Situação Religiosa

Em Brasília temos um verdadeiro mosaico de religiões, onde se integram católicos, protestantes, espíritas e outros.

A Arquidiocese de Brasília é composta de 23 Igrejas paroquiais, 53 capelas, com 11 padres seculares, 57 regulares e 4 capelães militares.

Além da Igreja Católica, existem 40 templos Protestantes dos mais diversos, 14 centros espíritas e 13 lojas maçônicas que mantêm uma grande rede de escolas e obras assistenciais. Cabe ainda frisar que a maçonaria inaugurou recentemente um Ginásio Vocacional na cidade-satélite do Gama.

9.07 — Reflexos da Imigração na Economia

A vida econômica de um local se mede, sem dúvida alguma, pela cultura existente no seio de seu povo.

Assim, um povo ignorante pouco ou quase nada contribui para o progresso sócio-econômico. Este é o aspecto fundamental que deve ser verificado ao se analisar os reflexos da imigração: o grau cultural dos imigrantes.

Quando da construção de Brasília, o Governo favoreceu uma imigração indiscriminada para esta cidade com o fim de assegurar mão-de-obra para o trabalho nas construções, sem contudo traçar uma política seletiva ou orientadora tendente a instalar proprietários independentes ocupados em trabalhos agrícolas mistos, nas regiões situadas em redor de Brasília, tendo em vista a absorver aquela mão-de-obra com aptidões estritamente agrícolas. Portanto, a migração interna, apesar das poucas barreiras sociais, encontra grandes dificuldades em se adaptar, principalmente os nortistas e nordestinos porque deparam com um meio cultural muito diferente. Mas não podemos desconhecer o papel vanguardeiro que êsses desempenharam e atualmente desempenham na nossa economia, muito embora sem poderem desempenhar atividades que lhes são mais familiares.

Já os estrangeiros, notadamente os japoneses, que vieram através de órgãos

controladores da imigração, receberam todo o apoio e estão desenvolvendo papel admirável nas granjas que lhes foram arrendadas.

9.08 — Nível Cultural da População

O ensino supletivo em Brasília é uma das necessidades mais prementes, dada a afluência imensa de habitantes analfabetos.

A percentagem de analfabetos em 1964 era de 24,4%; atualmente este percentual deve ter subido de uns 10%, haja vista a constante entrada de pessoas analfabetas, principalmente do Norte, Nordeste, Minas Gerais e Goiás.

Afora esta percentagem de analfabetos encontramos uma grande camada que tem apenas o primário. Contudo, podemos afirmar que o nível cultural de Brasília é mais ou menos médio, levando em conta o Poder Judiciário, o Legislativo e uma grande camada do Poder Executivo, onde a grande maioria dos funcionários ingressaram mediante concurso público.

Cabe-nos ressaltar a formação de uma elite intelectual que tem as suas origens na Universidade de Brasília e outros centros culturais.

10.0 — EDUCAÇÃO

“O Plano Educacional de Brasília, organizado nos moldes do que há de mais moderno, constitui uma experiência nova que produzirá os seus frutos num breve espaço de tempo” — estas foram as palavras do governo do Distrito Federal nos meados de 1961.

O ensino Elementar deveria compreender Jardins de Infância, Escolas-Classes e Escolas-Parques, distribuídas no Plano-Piloto e Cidades-Satélites de forma a atender a demanda e com a finalidade de fazer com que a criança percorresse o menor trajeto possível entre a escola e o lar.

Para o Ensino Médio, foi prevista, a organização de Centros de Educação Média, dispondo cada um de uma escola de dois ciclos: 1.º ginasial; 2.º Clássico e Científico, Técnico Comercial — Industrial — Normal; de um Centro de Educação Física e de um Centro Cultural, com Teatro, Museu, Biblioteca e demais organizações necessárias ao aperfeiçoamento cultural e científico.

O Censo Escolar de 1964 apresenta os seguintes dados:

PRIMÁRIO

Ensino Primário	N.º de Escolas	N.º de Alunos	% Alunos
Escolas Oficiais	107	33.139	75,9
Escolas Particulares	48	10.476	24,1
T O T A L :	155	43.615	100,0

ENSINO MÉDIO

Escolas	N.º de Escolas	N.º de Alunos	% Alunos
Oficiais	15	13.379	79,8
Particulares	12	3.383	20,2
T O T A L :	27	16.762	100,0

Como o Censo Escolar registrou a existência de 47.297 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos e somente 46.615 freqüentavam as escolas, podemos concluir que 7,8% das crianças do D.F. estavam sem freqüentar as aulas.

10.1 — EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Oito escolas são destinadas exclusivamente à educação pré-primária, com o total de 35 salas, das quais apenas 31 estão em funcionamento devido a interdição de uma para reparos.

Funcionam em dois turnos, atendendo em média a 28 alunos por classe, perfazendo um total de 1.720 alunos.

Cabe-nos ressaltar que das oito unidades, seis funcionam na Asa Sul, uma na Asa Norte do Plano Pilôto e outra no "Cruzeiro". As outras cidades-satélites ainda não são servidas por escolas pré-primárias do poder público.

10.2 — EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

A Educação primária ministrada sob a responsabilidade do Poder Público atende a 44.344 alunos em 137 unidades escolares, com um corpo docente de 2.102 professores.

Omitimos aqui os dados referentes às escolas primárias particulares pelo motivo de muitas delas terem se recusado a fornecer as informações solicitadas. Mas, fazendo uma estimativa levando-se em conta o censo de 1964, que apontou a rede particular composta de 48 unidades atendendo a 10.476 alunos, podemos afirmar que ela atualmente serve a 12 mil alunos.

10.3 — ESCOLA-PARQUE

A Escola-Parque, uma das características qualitativas da educação primária do Distrito Federal, dá atendimento a 1.324 alunos que, em outro turno, fre-

qüentam escolas-classes no Plano-Pilôto (Asa Sul).

A única Escola-Parque existente é composta de 19 salas, onde 13 turmas de Artes Industriais, 11 de Educação Física, 10 de Educação Musical, 10 de Teatro e Cinema e 10 de Artes Plásticas, sob a orientação de professores especializados, recebem todos os ensinamentos capazes de propiciar o desenvolvimento pleno e harmonioso, tanto físico como mental.

10.4 — Ensino Supletivo

No Ensino Supletivo, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação e Cultura, temos 17 escolas, sendo 7 no Plano-Pilôto e 10 nas cidades-satélites, atendendo um total de 3.645 alunos.

10.5 — Ensino Médio

Em 1966 foram matriculados 16.019 alunos nos 19 estabelecimentos. Em 1967 a matrícula subiu para 19.464 nos 23 estabelecimentos já existentes, conforme dados contidos no orçamento programa do Distrito Federal.

A Coordenação do Ensino Médio é composta de 23 estabelecimentos oficiais que perfazem um total de 356 salas de aula. O corpo docente é constituído de 1.209 professores, sendo 70% deste total, professores registrados e os demais sem registro.

Cabe-nos ressaltar que o ponto de estrangulamento, para o aprimoramento do ensino, está situado exatamente no corpo docente que na sua grande maioria é constituído de professores não preparados; agora isto, constatamos o péssimo aparelhamento das escolas.

Não incluímos nestas considerações o (CIEM) — Centro Integrado do Ensino Médio, subordinado à Universidade de Brasília, pois, constitui uma experiência nova no ensino do Brasil e que deverá

servir de padrão para todo o Brasil: o seu método de ensino é orientado em pesquisas com espírito científico-prático, havendo um perfeito entrosamento entre aquele estabelecimento e a Universidade que posteriormente receberá os seus alunos, já perfeitamente integrados.

10.6 — Ensino Profissional

Existem em Brasília cinco escolas profissionais: Curso de Eletrônica do Centro de Educação Média; Escola Industrial de Taguatinga; Ginásio Industrial Champagnat; Ginásio Industrial do Plano-Pilôto e Ginásio Industrial de Taguatinga.

Todos lutam com grandes dificuldades, tanto na parte financeira como na administrativa que, por sua vez, acarretam a falta de pessoal técnico-especializado.

O curso de Eletrônica do Centro de Educação Média tem 184 matriculados e o seu curso é de 4 anos; o Ginásio Industrial Champagnat, localizado em Taguatinga e dirigido pelos Irmãos Maristas, conta com 941 alunos, onde funcionam os seguintes cursos: Rádio e TV, Mecânica para Automóveis, Artes Gráficas, Tornearia Mecânica, Aprendizagem Industrial, Eletrônica, Prática-Rural, Desenho, Corte e Costura, Artes Femininas e outros.

10.7 — Ensino de Alto Nível

No tocante ao ensino superior contamos com a Universidade de Brasília, organizada sob a forma de fundação e estruturada em moldes inteiramente novos a fim de permitir maior eficiência ao ensino autenticamente universitário.

A Universidade de Brasília, localizada no Centro do País, com uma estrutura completamente diferente das outras Universidades, baseia-se na integração

de duas modalidades de órgãos básicos: os Institutos Centrais, destinados ao ensino e a pesquisa fundamental, e as Faculdades, devotadas à formação profissional e à pesquisa aplicada.

Os alunos entram na Universidade pelos Institutos Centrais — Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras e Artes — que se dividem em certo número de Departamentos, e após dois anos ingressam na Faculdade.

Feitas estas considerações, cabe-nos ressaltar que a Universidade de Brasília não vem correspondendo a expectativa em virtude da maneira precária e deficiente como vem funcionando: afora a falta de salas de aulas de aparelhamento técnico, notamos no corpo docente, com raras exceções, o ponto crítico dessas deficiências. A bem da verdade, acrescentamos que estas falhas não foram acarretadas exclusivamente após março de 1964, mas, com a demissão em massa daqueles professores, motivada decisivamente por ordem política, foi esta nova orientação que originou a decadência.

Atualmente, o número de alunos existentes na Universidade é:

Regulares	2.117
Especiais	816
Pós Graduação	111
Curso de Extensão Cultural	1.605
Total:	<u>4.649</u>

A Estrutura da Universidade de Brasília foi planejada para receber 15.000 alunos.

Contamos, ainda, no setor de alto nível, com a Faculdade de Serviço Social e a Faculdade de Administração de Em-

prêsa. A primeira com 120 alunos matriculados; a segunda funcionará a partir de setembro próximo.

10.8 — Outros Tipos de Educação

Além dos tipos de educação tradicionais já abordados, existem em Brasília diversos centros culturais que estão dando a sua parcela de cooperação para a sedimentação e transbordamento cultural da região.

Destacam-se a Associação de Cultura Franco-Brasil de Brasília, Aliança Francesa, a Casa Thomas Jefferson, o Serviço Nacional de Bibliotecas do MEC, com o seu serviço ambulante, e outras Bibliotecas existentes.

Finalizando, resta-nos ressaltar o papel desempenhado pela Fundação Cultural do Distrito Federal e o do Clube de Cinema de Brasília que, atualmente, é o "Centro" que mais se destaca no Distrito Federal não só pela exibição dos melhores filmes nacionais e estrangeiros mas, também, pelas importantes reuniões culturais que promove.

10.9 — Diagnóstico Geral

No presente momento não são conhecidas as reais necessidades do Distrito Federal no setor educacional no que diz respeito ao aspecto quantitativo: não se conhecem tendência das matrículas nem os índices de evasão escolar, principalmente se levarmos em conta o déficit dissimulado.

No aspecto qualitativo está certamente o ponto de estrangulamento deste setor, pois, acreditamos que o Governo está empenhado em assegurar matrículas a todos até 1968, mas que em virtude da falta das medidas complementares (residências, salário compatível e outras garantias) não será possível solucionar o problema do corpo docente de Brasília

que é constituído em grande parte de pessoas não preparadas.

Portanto, urgem medidas imediatas e eficientes no sentido de apurar, não as pequenas e inevitáveis irregularidades, mas as necessidades globais que permitam fundamentar um planejamento criterioso, para que não seja necessário buscar as soluções através de expedientes já por demais ultrapassados.

11.0 — FATORES ECONÔMICOS

11.1 — Estrutura Econômica e Organização de sua Economia

As atividades econômicas em Brasília visam, essencialmente, ao atendimento das necessidades sociais: além das atribuições próprias de uma administração estadual e municipal, o governo do Distrito Federal atua para dar as condições de funcionamento dos órgãos federais, agindo como verdadeiro "Ministério da Capital", e age como verdadeiro pólo de desenvolvimento.

Brasília caracteriza-se evidentemente por um fortíssimo pólo financeiro, onde o poder público é o grande empresário.

Afora o setor da construção civil, já bem desenvolvido, e o da pequena indústria de transformação e extrativa, encontramos uma razoável atividade comercial.

A participação da Agricultura na economia do Distrito Federal é mínima. Os produtos alimentares provêm na sua quase totalidade dos ricos Municípios goianos e mineiros ou são importados dos grandes centros industriais do País. Convém salientar que Brasília já produz 90% dos produtos hortigranjeiros do seu consumo.

A infra-estrutura de prestação de serviços também já está mais ou menos organizada.

A economia do Distrito Federal é fortemente controlada, muito embora o Governo ainda não tenha adotado uma política de favores, visando a estimular os investimentos privados, economicamente viáveis, em benefício desta região.

Para cuidar dos incentivos aos investimentos a Prefeitura do Distrito Federal criou a Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN). Até o momento quase nada foi feito.

11.2 — Produção Regional

A falta de dados estatísticos a respeito da produção é o principal obstáculo a um perfeito planejamento, visando a um melhor aproveitamento dos recursos existentes.

Em nenhum dos setores da economia encontramos dados referentes à produção ou ao consumo.

No que se refere à produção de alimentos, existe um sistema planejado em desenvolvimento com cultura de tomate, de arroz, feijão, milho e outros. O abastecimento é exercido pela iniciativa privada e pela Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), a qual por meio de uma rede de "Supermercados", exerce função distribuidora e reguladora, com fins de impedir a especulação.

Existem 9 núcleos rurais atingindo um total de 634 granjas, das quais 300 estão arrendadas e exploradas por brasileiros, japoneses, italianos e espanhóis, formando um verdadeiro "cinturão verde" em redor de Brasília.

Além dessas granjas existem 4 grandes fazendas, visando sobretudo ao fomento e à expansão da produção agropecuária:

- 1) Fazenda do Torto, tendo como função principal a expansão avícola, produção de estêrco e contribuindo para a cidade com o excedente da produção de ovos e carnes;

- 2) Fazenda do Riacho Fundo, visa ao fomento da suinocultura;
- 3) Fazenda do Tamanduá: pesquisa produção de forrageiras, produção de axendafeno e silagem para vender aos produtores;
- 4) Fazenda do Ipê, tendo como principal função o estudo, seleção e produção de fruticultura.

Essas fazendas são regidas e fiscalizadas pela SAB.

A Agricultura apesar de ser importante nos diversos pontos da região ainda não conseguiu se impor como uma atividade rentável; a pecuária é a principal atividade econômica da região.

A extração mineral é de grande importância, muito embora a exploração seja feita por meios rudimentares e uma grande parte da produção seja contrabandeada para fora do País.

A bacia Araguaia-Tocantins representa enorme riqueza mineral, principalmente em pedras semi-preciosas, sendo o D.F. um dos principais consumidores. Podemos, ainda, enumerar o cristal de rocha, os minérios de níquel, cromo e rutilo, o diamante e outros, como elementos que são explorados nesta região, sem contudo termos uma idéia aproximada de sua produção.

Finalizando este tópico, cabe-nos ressaltar a importância da comercialização das "madeiras-de-lei", especialmente o Jatobá, a Peroba, o Cedro e a Aroeira, encontradas em grandes abundância em certas áreas.

11.3 — Comunicações — Rodovia, Aviação e Outros

Com a criação de Brasília a Rede Rodoviária Nacional começou a desenvolver-se e, atualmente, graças a ela, o Brasil é servido por modernas rodovias que servirão para integrá-lo num todo

harmônico e dinâmico: como é exemplo a Belém—Brasília.

Vários eixos rodoviários convergem para Brasília assegurando a interligação das regiões de grande potencial econômico.

No tocante à navegação aérea há também uma razoável frota ligando Brasília com os demais centros, principalmente Rio e São Paulo.

A grande deficiência é, naturalmente, a falta de transportes ferroviários, o que é de se estranhar, uma vez que esta região é essencialmente produtora de matérias-primas e criadora por excelência de gado vacum; por conseguinte, seria de grande utilização e vantagem o aproveitamento do transporte ferroviário por ser o mais barato meio de transporte para grande tonelagem.

No subsetor de telecomunicações há uma razoável produtividade. Brasília realmente está servida por um serviço de telex e telefone dos melhores do País, constatando-se um constante aperfeiçoamento.

Portanto, o Governo municipal terá que investir com prioridade nos trechos ou linhas de grande significado econômico, tanto para construções como para remodelação das vias de acesso aos centros produtores da região, pois, o que se verifica é o total abandono nesse setor.

11.4 — Finanças

O Sistema Tributário do Distrito Federal é integrado pelos seguintes:

I — IMPOSTOS

- a) Imposto Imobiliário;
- b) Imposto de Transmissão;
- c) Imposto sobre Circulação de Mercadorias;
- d) Imposto sobre Serviços.

II — TAXAS

- a) Taxa de Veículos;
- b) Taxa de Cemitério;
- c) Taxa de Aferição de Pesos e Medidas;
- d) Taxa de Fiscalização de Obras;
- e) Taxa de Uso de Logradouros;
- f) Taxa de Expediente.

III — CONTRIBUIÇÃO DE MELHORIA

A Proposta Orçamentária do Distrito Federal, em termos, é toda apresentada sob a forma de Orçamento-Programa, onde são caracterizados os objetivos, as realizações das obras e das prestações de serviços.

A estima da renda Tributária para 1968, conforme proposta enviada ao Senado Federal, resulta da avaliação direta, através de análise, das circunstâncias de ordem conjuntural que poderiam afetar o comportamento das diferentes fontes de receita.

A receita está estimada em NCr\$ 373.701.927,00, sendo NCr\$ 11.340.000,00 receita própria do Distrito Federal e NCr\$ 262.361.927,00 Receita transferida da União.

A Despesa apresenta igual quantia, sendo NCr\$ 180.843.000,00 para o Custeio e NCr\$ 192.859.000,00 para investimento.

11.5 — Investimentos

Brasília, sendo ainda uma cidade eminentemente administrativa e não tendo o seu parque industrial, não conseguiu atrair grandes investimentos privados

* O principal tributo que beneficia o D.F. é o gravame que incide sobre o trigo, que, ex vi do Ato Complementar n.º 36, de 15-3-67, favoreceu a sede do órgão importador.

para acelerar o seu desenvolvimento econômico. Por outro lado, os investimentos feitos são todos de tipo social, indispensáveis, mas que não produzem os seus efeitos a curto e médio prazo.

Cabe-nos salientar que uma nova orientação está sendo imposta, visando a condicionar o processo econômico em um futuro imediato, reduzindo, assim, o custo social do desenvolvimento e fazendo uma melhor distribuição de seus frutos.

No que respeita a essa nova orientação é necessário ter em conta que ela ainda não se efetivou em fatos, não passando mesmo de bons programas que combatem o simples fluxo monetário desacompanhado de uma verdadeira e eficiente ação planejada para assegurar o seu efeito dinâmico sobre o processo de desenvolvimento.

Resta-nos frisar que o desenvolvimento desta Região, com a construção de Brasília, vem se realizando com melhoria geral das condições de vida. Ocorre, entretanto, que essa melhoria é extremamente desigual, chegando, mesmo, a classe da população de nível de vida mais baixo a não auferir nenhum benefício do desenvolvimento. Contudo, essa mesma população sofre todos os efeitos de pólo eminentemente financeiro.

12.0 — O D.F. E SUA FUNÇÃO ADMINISTRATIVA

Nos primórdios de nossa vida republicana, dentre os vários argumentos que se ventilavam, em prol da transferência da Capital, estavam aqueles de natureza estratégica, de forma que, em caso de guerra, a Administração estaria resguardada dos ataques de surpresa.

Entretanto, com a evolução das técnicas bélicas, com os modernos engenhos de luta, com o alvorecer da era atômica, estes argumentos tornaram-se inconsistentes. Valeram, precipuamente,

aquêles que demonstravam as conveniências de natureza econômica e cultural, decorrentes da transplantação da Capital para a região central.

Foi, portanto, com este espírito que se fez a mudança da Capital; com este espírito que se fez cair aquele conceito clássico de Distrito Federal onde sua função essencial era apenas manter os serviços infra-estruturais para acolher os órgãos de cúpula do País.

Com esta mudança, antes e acima de tudo, pretendia-se levar para dentro do Brasil o progresso econômico, a educação, o desenvolvimento cultural, dilatar as nossas fronteiras econômicas que nem de perto acompanham as fronteiras políticas.

“Além das atribuições próprias de uma administração estadual e municipal, deve o governo do Distrito Federal atuar em dois outros campos de particular importância: o campo federal, com relação aos Podêres da República, no qual o Governo do Distrito Federal corresponde a um “ministério da Capital” e onde ele é responsável pela criação de condições de funcionamento dos órgãos federais e representações estrangeiras, pela comunicação dos três Podêres da República com todo o País e o exterior, pela assistência permanente e assessoramento técnico aos órgãos decisórios do País, e pela irradiação cultural; e o campo regional, com relação à região em que se situa e onde o Governo do Distrito Federal equivale a um “órgão de desenvolvimento regional.” (*)

Portanto, para o bom desempenho dessas funções, o complexo administrativo do Distrito Federal deverá ter uma estrutura capaz de corresponder e ajustar-se à dinâmica renovadora da Nova Capital como centro de irradiação do progresso no centro-oeste brasileiro.

* Orçamento-programa para 1968

13.0 — O D.F. E SUA IMPORTANCIA NA VIVIFICAÇÃO NACIONAL

Com a transplantação da Capital para o Planalto Central surgiu uma verdadeira consciência coletiva em torno dos problemas nacionais. Houve a mudança evidentemente do centro político, acarretando uma coesão nacional que poderá solucionar os problemas básicos da comunidade brasileira: o econômico, o cultural e o demográfico.

Com a expansão da zona de influência da nova Capital, mais facilmente haverá uma integração de todas as regiões à comunidade dinâmica brasileira. Haverá uma incorporação das diversas áreas contíguas ao seu território, incorporação essa que poderá ser feita através do Rio Tocantins, que poderá desempenhar papel análogo ao do São Francisco. Se este, na época da nossa colonização, uniu as regiões do Nordeste, Leste e Centro, aquele (o Tocantins) tem o papel de fazer a cristalização da nossa unidade política, através da dilatação da nossa fronteira econômica, demográfica, social e cultural, com o objetivo da humanização dinâmica de todo o nosso País até os confins do Oeste e Norte.

Feitas estas considerações, notamos quão imperativo se torna que o Governo brasileiro volte as suas vistas para o Distrito Federal, não apenas como uma capital administrativa e política, mas como um centro que irradiará o desenvolvimento para todas as regiões que se encontram em descaso ou semi-descaso.

Haverá quem diga que tal solução é utópica ou mesmo de um Brasiliense apaixonado, porém, não importa porque a experiência está a nos mostrar que, enquanto os planos forem feitos para solucionar problemas eventuais, onde os seus autores granjearão os aplausos dos menos avisados, as modificações só serão eficazes se forem estruturais e não epidérmicas, e levando-se em conta o estu-

do regional que vise ao aumento da potencialidade brasileira e conseqüentemente à pressão e dilatação da fronteira cultural, econômica e social de nosso Estado. Portanto, o D.F. tem importância capital na vivificação nacional.

14.0 — O D.F. E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DEMOGRÁFICO BRASILEIRO

O criador de Brasília, Juscelino Kubitschek de Oliveira, assim se expressou... "Somos geograficamente um dos maiores países deste Planeta, onde vive um povo em condições de apêrto.

Em torno de nós a vastidão, os descampados, o país por conquistar, sítios admiráveis e no entanto nos agrupamos à beira do mar, espiando as fases das marés. Constitui um refrão monótono dizermos que necessitamos ocupar o nosso País, possuir terra, marchar para o Oeste, voltar as costas para o mar, e não permanecer eternamente com o olhar fixo nas águas como se pensássemos em partir, em voltar. Do Brasil nenhum de nós partirá jamais, porque esta é a nossa nação e pátria".

Brasília surgiu e com ela as irradiações demográficas proliferaram-se pelas imensas regiões outrora confinadas ao abandono, ao descaso.

Estando o D.F. em relativa equidistância do centro geográfico do Brasil, onde Brasília mantém uma distância equilibrada para com os vários pontos extremos do País, naturalmente, pelas suas próprias condições geo-econômicas, ele tenderá a polarizar os fluxos migratórios de população, que têm o sentido das regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas sócio-econômicamente, provocando a ocupação deste espaço geográfico.

Assim sendo, é mister que se trace uma política demográfica em função da nossa realidade, e, também, em função

das nossas necessidades. Tendo em vista que um planejamento global de desenvolvimento tem por objetivo promover o aproveitamento orgânico e racional dos fatores naturais, sociais e econômicos do meio, a política demográfica deverá ser no sentido da ocupação dos espaços vazios e paralelamente com outras medidas visando a criar condições para a fixação e desenvolvimento do homem.

Em conclusão, podemos afirmar que a importância do Distrito Federal no processo demográfico brasileiro é fundamental e, acreditamos, mesmo, que somente através de planejamento regional para promover o aceleração do desenvolvimento desta área como uma unidade econômica, conseguiremos integrar essas áreas em nossa comunidade econômica e possibilitar a redistribuição geográfica.

15.0 — O D.F. COMO FATOR DE EQUIPOLÊNCIA E DE EQUILÍBRIO CONTINENTAL

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, formado pela integração de áreas colonizadas em condições históricas diversas, desigualdades regionais em graus de desenvolvimento e níveis de vida teriam necessariamente que existir. Mesmo em um país com um sistema de transportes altamente desenvolvido e integrado, como os Estados Unidos, essas desigualdades ocorreram e persistiram por muito tempo. Ainda em 1929, por exemplo, entre importantes regiões desse país, se observaram desníveis na renda *per capita* tão acentuados como o que hoje existe entre o Nordeste

e o Centro-Sul do Brasil. Essas disparidades foram em grande parte corrigidas pela política de desenvolvimento regional, iniciada por Franklin Roosevelt, há três décadas.

Com a transferência da Capital para o Planalto Central, o Brasil se fez mais coeso, politicamente mais vitalizado através da eficácia administrativa que se implantou na consciência dos dirigentes do País.

Diante de tais considerações é que podemos aquilatar a importância do Distrito Federal — coração administrativo — como centro de equipolência na irradiação de nossas energias materiais, fazendo com que haja um perfeito equilíbrio entre as nossas regiões, entre os Estados-Membros.

Por óbvias razões se faz necessário que o Governo federal dê todo o apoio à Brasília, no sentido de fazer com que ela possa desempenhar o grande papel que a História lhe reservou: Capital dos Trópicos, Metrópole por excelência da América do Sul, onde a esperança se tornou realidade, donde irradia incentivos a imensas regiões anteriormente confinadas ao esquecimento.

Finalizando, é oportuno salientar que, sendo o Brasil o primeiro país da América Latina a se industrializar, poderá com certa facilidade, em futuro bem próximo, assegurar-se do comércio de todo o bloco latino e, melhor do que ninguém, Brasília, pela sua localização, poderá desempenhar papel análogo ao de Moscou para onde é carreado todo o comércio do mundo comunista.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Brasília, Conteúdo e Continente — Publicação do Banco Regional de Brasília.
- 2) Anuário Estatístico — IBGE.
- 3) Proposta Orçamentária do Distrito Federal para 1968.
- 4) Várias Publicações da CODEPLAN.
- 5) Distrito Federal e sua nova Estrutura Administrativa — Livros de Legislação básica do D.F. — Secretaria do Governo.
- 6) Antecedentes Históricos de Brasília — Publicação da Câmara dos Deputados.
- 7) Dados estatísticos fornecidos pelo Centro de Educação Média e Universidade de Brasília, e outros.